

Entrevista com a cordelista Maria Ilza Bezerra: uma poetisa que versa a mulher nordestina

Weber Firmino Alves*

Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico Betel Brasileiro (IBBB) e pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); é licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde também concluiu o Mestrado em Literatura e Interculturalidade. É doutor pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É professor efetivo de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campus Campina Grande-PB. É autor de algumas obras, dentre as quais: "A Ira de um Deus de Amor", "Urgência Missionária", "Contos Esperancenses", "Caneta e outros contos".



<https://orcid.org/0000-0001-9012-9112>

Naelza Araújo Wanderley**

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos, Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação Francisco Mascarenhas / UFPB, Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001), Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-doutorado na área de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é professora Titular da Universidade Federal de Campina Grande, integrando o corpo docente do Curso de Engenharia Florestal (UAEF/CSTR/UFCG), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais (PPGCF/CSTR/UFCG) e do Programa de Pós-Graduação



<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Recebido em: 28 mar. 2024. Aprovado em: 12 dez. 2024.

Como citar esta entrevista: ALVES, Weber Firmino. Entrevista com a cordelista Maria Ilza Bezerra: uma poetisa que versa a mulher nordestina. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, e2303, dez. 2024, DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15619697>.

MARIA ILZA BEZERRA, Nascida em Fronteiras, graduada em Letras Português/Inglês, especialista em Literatura Brasileira, Ensino e Comunicação e Cultura. Professora de Linguagens, membro da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP) e da Academia da Literatura de Cordel (ABLC). Lançou 14 narrativas de cordel sobre mulheres de resistência dentro do contexto

*



prweberalves@gmail.com

**



naelzanobrega@gmail.com

piauiense, cujas personagens dialogam com o Sertão. É condecorada com três títulos: Mulher Vitoriosa, Extraordinária e Pérola. Autora de um livro de poemas, *Tudo é um momento*, e de dezessete folhetos de cordel, dentre os quais, destacam-se: *A Saga Shakespeariana de Romeu e Julieta*; *Nas Garras do Gavião*; *Maria das Tiras*; *Os Fantasmas secretos de Maria dos Anjos*; *Nísia Floresta (Entre lutas e controvérsias)*; *Felícia (A Princesa dos 7 Reinos)*; e *Niéde Guidon (Arqueóloga por excelência)*.

Apresentação

A presença da mulher no universo do cordel ocorreu tarde como uma conquista a duras penas. Conforme Alves e Wanderley (2023, p.8), se a presença de mulheres autoras na literatura foi tardia ou esquecida, por diversas razões, no caso das escritoras de cordel, esse apagamento foi ainda maior, devido a fatores como: exclusão social das mulheres do espaço educacional; discursos machistas muito presentes no *locus* de produção da literatura nordestina. Deste modo, diversos estudiosos têm defendido uma recuperação e valorização das obras produzidas por mulheres. Zolin (2009, p.228), por exemplo, pensando na literatura em geral, defende a necessidade de uma atividade de “resgate da produção literária de autoria feminina, relegada ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face da chamada alta literatura de autoria masculina”.

É neste sentido que trazemos a público uma entrevista com Maria Ilza Bezerra (Fig. 1), uma cordelista piauiense, nascida em 22/12/1959, na cidade de Pio IX, no Piauí, embora tenha se registrado em Fronteiras-PI, quando fez sua certidão de nascimento aos 18 anos, e se radicalizado, posteriormente, em Picos-PI. A autora reconhece a influência dos romances de cordel em sua formação leitora, visto que foi alfabetizada por sua mãe, uma costureira que treinava a leitura da filha com os cordéis que comprava na feira, aos sábados, dentre os quais a autora destaca: *Iracema*, de Alfredo Pessoa de Lima, *O Pavão Misterioso*, e *Coco Verde e Melancia*, de José Camelo de Melo Resende, etc. A infância e mocidade dessa poetisa foi marcada pelo contato recorrente com os folhetos nordestinos, pois lia diariamente para os pais, os vizinhos idosos e para outras crianças. Na juventude, então, Bezerra frequentava rodas de cordel e foi participando de uma delas, inclusive, que conheceu o seu primeiro namorado.



Fig. 1: Maria Ilza Bezerra expondo sua obra no Espaço Ciranda em Picos-PI

Fonte: Instagram da Autora (2023)

O conhecimento literário da autora partiu desse ambiente literário popular e nordestino para a literatura clássica, pois, somente quando chegou à academia, teve acesso à literatura erudita. Na entrevista, Bezerra testemunha a influência do avô, um contador de histórias que tinha uma maleta de couro repleta de folhetos, trancada a cadeado e que, para ter acesso, a jovem precisou “roubar” a chave a fim de ler aquele patrimônio tão precioso para ela. Conforme se verá, a experiência da poetisa é um bom testemunho do modo como o cordel é um gênero produtor de leitores, estimulando o senso criativo, pois seu primeiro contato com a leitura literária se deu pela mediação do cordel.

Maria Ilza Bezerra tem Licenciatura em Letras com habilitação em inglês e português, tendo também concluído três especializações: “Comunicação e Cultura”, “Ensino”, e “Literatura Brasileira”. Durante boa parte de sua vida, Bezerra transitou ensinando entre os estados do Piauí, Ceará, Pernambuco e Alagoas. Atualmente, porém, a professora reside na cidade de Picos-PI, na companhia de seus três filhos, e abdicou da sala de aula regular para dedicar-se integralmente ao cordel, ministrando palestras e oficinas sobre os mais diversos temas da Literatura de Cordel, bem como escrevendo e divulgando seus folhetos, com uma produção contínua que já vai em número de dezessete títulos, conforme mencionados pela autora na entrevista.

Os títulos dos seus cordéis demonstram que a autora se volta para a figura feminina como tema central em suas obras, com a presença de mulheres que atuam como protagonistas. Na entrevista, Bezerra nomeia o cordel como o seu porta-voz, através do qual afaga suas mágoas e faz suas denúncias, defendendo temáticas que fazem parte, principalmente, do universo feminino. Não se trata de uma literatura estritamente engajada a um perfil ideológico, mas, inegavelmente, uma poesia que depõe a favor da figura feminina, em tom artístico-biográfico, de modo que a arte se encontra com a biografia das mulheres descritas na maioria dos cordéis.

Normalmente, o enquadramento feminino de Bezerra estabelece um recorte regional do Nordeste, pois as mulheres que se tornam tema da poesia bezerreana brotam dessa região, especialmente personagens de sua terra natal, o estado do Piauí. É assim, por exemplo, que a escritora apresenta o cordel *Felícia: A princesa dos 7 Reinos*:

Nas terras do Piauí
Há histórias do passado
Contendo mitos e lendas
De um mundo (des)encantado
Que guardo em minha memória
E pelos meus versos brado.

É no Reino das Abelhas
Onde moro e te confesso:
– Aqui as Abelhas fazem
Um mel altamente espesso
E andam por outros Reinos
Com suas vias de acesso (Bezerra, 2023a, p.01)

A escritora piauiense não tem uma preocupação em elencar referências femininas de destaque nacional. Embora escreva também sobre mulheres protagonistas reconhecidas nacionalmente por suas ações – como é o caso de Nísia Floresta e Niéde Guidon –, a maioria das personagens destacadas por Bezerra são mulheres comuns, cujo traço maior é a simplicidade. Aliás, “simples”, “simplicidade” e suas variáveis, são palavras comuns nas obras da autora para definir a personagem, como se, assim, justificasse a necessidade de seu enquadramento narrativo. Vejamos estes exemplos:

- Dona Guidé, “sempre foi mulher de posse, mas *simples* na sua essência” (Bezerra, 2021a, p.14, grifo nosso);
- Maria dos Anjos, que “foi lição de *simplicidade* em silêncio persistia dentro da desigualdade viveu sua vocação cheia de sublimidade [...] foi *simplesmente* solidária para a nossa região importante e necessária no exercício das virtudes tornou-se saga lendária” (Bezerra, 2021b, p.15,16).
- Dona Marluce, descrita desde o título como a sabedoria vestida com o robe da “*simplicidade*”, de quem se diz que era “uma mulher espontânea que o luxo dispensava e vestida em *simples* robe todo dia trabalhava mas um modo requintado aos seus filhos

ensinava [...] descrita nesse painel com sua *simplicidade* entrou para o meu cordel” (Bezerra, 2020a, p.5,16, grifo nosso);

- Até mesmo no caso de Nísia Floresta, é possível falar em simplicidade, pois “numa casa simples [...] passou a infância [...] compôs sua verdadeira história Nísia Floresta também de forma muito *simplória* conquistando o Velho Mundo com pensamento fecundo tornou-se uma Memória” (Bezerra, 2022, p.6,16, grifo nosso);
- Felícia, “com seus cabelos bem crespos, longos e soltos ao vento, andava pelos caminhos de modo ousado e marrento com muita *simplicidade* levando conhecimento” (Bezerra, 2023a, p.3, grifo nosso);

Mesmo quando não há a presença de palavras com estes radicais, a descrição da personagem sugere o mesmo campo semântico da humildade e do serviço prestado, como no caso de Juanita das Sete Eiras que “de lavadeira ganhava o sustento do seu dia [...] viveu sempre trabalhando no pesado para ter seu alimento enfrentou muito roçado, [...] enfrentou chuva e seca moeu muito gergelim nas debulhas de feijão [...] Tinha sua alma humilde” (Bezerra, 2021b, p. 10-11). Neste sentido, o recorte narrativo leva em conta a vida cotidiana, simples e marcante das personagens, que, muitas vezes, foram conhecidas da autora por serem vizinhas, conterrâneas contemporâneas da infância da escritora, ou mulheres históricas do passado, conforme ilustramos nos seguintes nomes:

- Maria dos Anjos, agricultora, em Pio IX-PI, foi uma religiosa que se tornou rezadeira de crianças, conhecida por curar doentes no interior nordestino, peregrinando o Piauí servindo com rezas, catequeses e ação social.
- Dona Marluce, natural de Patos-PB, onde era professora, sendo filha de um fazendeiro rico; ela deixou tudo para acompanhar o marido, indo morar em Fronteiras-PI, onde se tornou tabeliã de um cartório, e vivia com simplicidade vestindo robes claros e estampados;
- Dona Guidé, professora de Fronteiras-PI, que defendeu a educação, procurando crianças de porta em porta para matriculá-las na escola;
- Angelita, uma mulher sertaneja de Fronteiras-PI, de quem na infância fora vizinha, mãe de cinco filhos, proprietária de uma bodega, destacando-se pelo prazer em servir aos pobres, doando pitombas, cajú e água de sua cacimba;
- Juanita foi uma lavadeira, parteira, agricultora, conhecida pela arte de contar histórias e causos, sendo também rezadeira de quem se dizia ter o dom de curar enfermos, que

percorreu diversas cidades do Piauí: “De Picos a Teresina / De Pio IX a Fronteiras / percorria seus caminhos” (Bezerra, 2021b, p.11). Ao mesmo tempo, envolvia-se em conflitos e intrigas por se intrometer em fuxicos.

Conforme estudo já realizado sobre a poesia de Maria Ilza Bezerra, a sua obra enfatiza a “figura da mulher com feitos que a tornam digna de perpetuação na escrita, conforme os títulos dos cordéis centralizam o protagonismo do universo feminino” (Alves; Wanderley, 2023, p.21). Além disso, na voz de muitas de suas personagens, Bezerra questiona a condição de subserviência da mulher nordestina e da falta de seu reconhecimento, tal como fala Juanita das Sete Eiras:

“Mostro essa minha cara
De uma mulher roceira
Trabalho de sol a sol
Ainda sou faxineira
Não nego o que faço não
Nesta vida corriqueira;”

“Que lugar é esse aqui
Que não enxerga a mulher
Com o valor que ela tem?
Eu não tenho um bem sequer!
E ferindo os meus princípios
Fala de mim o que quer!” (Bezerra, 2021b, p.13)

Alves e Wanderley (2023, p.27) comentam esse traço da personagem:

Juanita representa um extrato social pobre que, com o trabalho e a linguagem, luta por sua sobrevivência e liberdade. Ela orgulha-se de ser uma mulher nordestina, defende sua identidade local e questiona o *status quo* que subjuga o sexo feminino, denunciando que esse lugar não concede o valor que as mulheres têm. A injustiça social e a má distribuição da renda a impede de ter uma moradia, ou mesmo de comprar um básico perfume.

Nas Garras do Gavião é um folheto que retrata um médico galanteador que “muito se aproveitava das mocinhas” de Fronteiras-PI, usando-as para, depois, abandonar seus corpos mortos ao leu. Mesmo num folheto triste como esse, que denuncia a violência contra a mulher, a personagem feminina é enquadrada como instrumento de redenção para o marginal galanteador, pois, ao encontrar-se com o charme de Doralina, obtém sua redenção, ao casar com a jovem e

constituir família. Porém, embora redimido pelo amor dessa mulher, tal homem não escapa da vingança, sendo alvejado por tiros com sua mulher, findando deficiente numa cadeira de rodas. Foi assim que se converteu à religião e se tornou rezador.

A religiosidade é outro aspecto de destaque na obra da autora, pois as protagonistas que tematizam a poética bezerreana são mulheres de tradição religiosa católica com devoção e compromisso com a Igreja Católica, a exemplo de Angelita, acerca de quem o eu lírico destaca:

Mas gostava de ir à igreja
Festejar a padroeira
[...]

Cultuava a sua fé
Sendo bem religiosa
Para o Perpétuo Socorro
Ofertava uma Rosa
E se vestia de azul
Sentindo-se graciosa.

Do Coração de Jesus
Ela era zeladora
Venerava a devoção
Na vida de agricultora
Construindo a trajetória
De mulher inspiradora. (Bezerra, 2023b, p.4,6)

De todas as obras da autora, destacamos o rigor e a criatividade do folheto *Felícia: A Princesa dos 7 Reinos*, que relata, em versos, a história de uma princesa de traços negros que percorreu sete reinos no lombo do seu cavalo, enfrentando preconceitos e dificuldades até sua revelação final, passando pelo Reino das Abelhas, o Reino das Pedras Brancas, o Reino da Capivara, o Reino dos Rios, o Reino da Opala, o Reino das 7 Cidades e Reino dos Mares. Cada um destes reinos possui uma rainha, que é uma padroeira religiosa, exceto o Reino da Capivara, que tem Niéde Guidon, arqueóloga que estudou o Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, e lutou por sua preservação. No caso do Reino dos Mares, a rainha é Iemanjá, orixá das religiões de matriz africana no Brasil, a qual tem Maria como paralelo na religião católica, conforme o sincretismo brasileiro..

As descrições de cada reino com seus vales, rios e desafios apresentam elementos culturais e topográficos do território nordestino, mais especificamente no estado de Piauí. A viagem

retrata as calamidades sofridas pelos animais que vivem nos vales e caminhos destes reinos, caracterizados pelos maus tratos, abandono ou intervenções diretas do homem na natureza. O sofrimento dos animais pela interferência humana é também um dos temas que norteiam a obra de Bezerra, podendo ser encontrado nesse folheto, assim como em *Anjos Ignorados no vale dos Guaribas*:

Animais ainda vivem
Em um cenário sinistro
Vulneráveis aos maus-tratos
Sem controle e sem-registro
Invisíveis a um sistema
Que no meu cordel eu listro. (Bezerra, 2023a, p.6)

Em sua peregrinação pelos reinos, Felícia ampara os pobres e os animais, assiste aos folguedos populares com as manifestações folclóricas piauienses e as atividades religiosas locais. O cordel é uma amostra da cultura e geografia do Piauí, seus pontos turísticos, alimentos, aspectos religiosos, etc., que põe em diálogo o ficcional e as referências histórias, geográficas e culturais da autora e do estado do Piauí, sem, contudo, se tornar um panfleto turístico. A construção ficcional de eventos, lugares e pessoas da história nos lembra aspectos do Movimento Armorial, tão presente no *Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

O desfecho desse folheto é a chegada da princesa no Reino dos Mares e a revelação de seu segredo: era uma Arara-Azul, encantada como princesa pelo Príncipe Tácito, filho da Fada Alzira, da Lagoa do Almoço. Possui, então, um efeito reverso dos contos de fadas em que, geralmente, o ser encantado se torna um animal; neste caso, o animal foi tornado humano e, ao final da narrativa poética, depois de peregrinar pelo Sete Reinos “quase encantados” do Piauí, a princesa torna-se ave novamente, uma ave, por muito tempo, típica de determinada região da terra piauiense.

Maria Ilza Bezerra é membro do grupo Cordel das Rosas, um movimento virtual colaborativo criado para dar visibilidade à produção de folhetos com autoria feminina, visando fomentar o interesse e a produção dessa literatura por mulheres. Recentemente, dois eventos marcaram a carreira da escritora: no dia 21 de janeiro de 2023, recebeu um reconhecimento local, sendo eleita na Academia de Letras da Região de Picos (ALERP) para ocupar a Cadeira 28, cujo patrono fora o poeta Francisco de Moura Barbosa; e, no dia 17 de maio de 2023, a poetisa foi

honrada nacionalmente, tomando posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, no Rio de Janeiro, na cadeira 23, patronímica de Capistrano de Abreu (Fig. 2).



Fig. 2: Posse da autora na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Fonte: Instagram da Autora (2023)

Os folhetos de Bezerra precisam ser estudados na academia, de modo que seus leitores possam, entre outras coisas, conhecer e refletir sobre a riqueza temática de sua poesia. É neste sentido que propusemos entrevistar a autora, mediante o contato pessoal por suas redes sociais e o envio do questionário por e-mail. Do ponto de vista da tipologia, a entrevista seguiu um roteiro estruturado, isto é, os entrevistadores remeteram perguntas previamente elaboradas numa ordem sequencial e a entrevistada respondeu por escrito, via e-mail, expressando seu ponto de vista, sem um tempo específico delimitado para tal. Desse modo, respeitamos a escrita da poetisa, mantendo estritamente a redação das suas respostas, tal como foram remetidas. As perguntas estão organizadas na ordem em que a autora recebeu, conforme sequência a seguir:

Entrevistadores: Assim como muitos nordestinos, consta em biografia apresentada ao final de folhetos de sua autoria que o mundo da leitura lhe foi apresentado através das narrativas de cordel. Você pode contar um pouco mais sobre esse fato? Como conheceu a literatura de cordel? Quem lhe apresentou? Como? Quais os primeiros folhetos lidos? Quais foram aqueles que ficaram na memória e que fazem parte de sua história como leitora e por quê?

Maria Ilza Bezerra: Sou de um tempo que não tinha escolas, nem livros clássicos e nem HQs, na zona rural, só tinha folheto de cordel. A minha mãe (costureira) ficava em sua máquina e eu ao seu lado querendo decifrar as palavras. Enquanto ela costurava aqueles vestidos estampados e coloridos, eu estava ali a costurar as minhas primeiras palavras em folhetos de cordel.

Foi através da leitura de cordel que viajei o mundo e conheci várias culturas com os contos de Leandro Gomes de Barros, como *Juvenal e o Dragão*; José Camelo de Melo Rezende, *O Pavão Misterioso, Coco Verde e Melancia*; Manuel D’Almeida Filho, *Os Cabras de Lampião*. Eu lia os mais variados títulos, mas sempre fui fascinada pelas histórias de amor. Como também tive o contato muito cedo com os clássicos da literatura brasileira em versos de cordel, por exemplo, *Iracema*, de Alfredo Pessoa de Lima. Sempre li pelo prazer de conhecer.

O dia mais feliz da minha vida era o sábado, era o dia em que minha mãe ia à feira e me trazia CORDEL. E assim, fui aprendendo a ler, não podia gaguejar. O tempo passou, fomos morar na cidade para estudar na escola. Passei a ler para os vizinhos idosos e crianças, era muito divertido. Fui crescendo naquela roda de cordel, lá arranjei o meu primeiro namorado.

Tive que estudar e ler os clássicos da literatura brasileira. Cursei Letras/Português/Inglês na cidade de Maceió. Eu fazia o percurso Piauí, Ceará e Alagoas, na rodoviária do Juazeiro do Norte comecei a comprar os folhetos de cordel, retomei as leituras. Depois passei a comprar na Editora Luzeiro, em São Paulo. Quando fiz uma especialização em Comunicação e Cultura pela UFAL, defendi a Monografia: *Amor e Punição na Literatura de Cordel*, 1998. Nesse mesmo ano, eu ensinava na rede particular de ensino, a escola percebeu o meu interesse pelo cordel e me incentivou a fazer um Projeto para participar de um concurso estadual realizado pela SEDUC e SEBRAE, na categoria Ensino Fundamental e Ensino Médio. Logo, entreguei-me de corpo e alma, ganhamos o prêmio. Os meus alunos acharam difícil e me deram o desafio de adaptar *Romeu e Julieta*. Foi aí que tudo começou, ano de 1999, na cidade de Maceió. Publiquei o meu primeiro cordel aos 41 anos, pela Luzeiro. Levo anos para fazer uma narrativa em cordel.

Sempre vi o cordel como ficção, a adaptação do *Romeu e Julieta* foi apenas uma brincadeira que deu certo, ele me deu nome de cordelista. Sempre gostei dos contos de fadas em cordel, das histórias de amor e do cangaço nordestino. Eu lia por entretenimento e passei a ler na sala de aula. Depois passei a criar as minhas histórias de ficção, eu crio as minhas personagens e sofro com elas. Às vezes, é divertido. Ainda tenho um pequeno acervo de folhetos e livros de Cordel. Porém não leio mais cordel, tenho medo de parafrasear tantas histórias.

Entrevistadores: Se você precisasse definir a literatura de cordel, que definição você escolheria? Por quê?

Maria Ilza Bezerra: O Cordel é o meu porta-voz, porque através dele eu posso afagar minhas mágoas, fazer denúncias políticas e sociais, defender algumas temáticas femininas, trabalhar as memórias, valorizar espaços e viajar pelos lugares imaginários, sempre com a poesia da Vida.

Portanto, o cordel como literatura é a arte mais esplêndida e bela. Sou suspeita em falar, porque sou apaixonada pelas narrativas em folhetos.

Entrevistadores: Hoje, qual o lugar da literatura de cordel em sua história como leitora, como poeta e como educadora?

Maria Ilza Bezerra: No Brasil, a literatura de cordel é uma produção típica do Nordeste. Não tenho projetos para que as minhas produções tenham maior alcance em todo o país. Eu sou meio desligada, não sei ganhar dinheiro com o cordel. Não uso as mídias digitais para divulgar a minha produção.

Mas ministro oficinas, minicursos, palestras, participo de bate-papo. Com a pandemia vieram as *Lives*, tive que aderir a essa nova metodologia. Participo das feiras, vendo e dou cordel. Estou reeditando os meus folhetos. Sou fascinada pelas capas dos meus folhetos. É uma dificuldade para encontrar ilustrador. Gosto da xilogravura. Aqui em Picos, fala-se pouco em cordel, é muito triste essa parte. Para um cordelista atingir todo um país, tem que ‘ralar’ muito. Estamos nos unindo através da Cordelaria Chapada do Corisco em Teresina. Entrei no grupo Cordel das Rosas, com cordelistas mulheres do país a fora. Fico feliz quando sou procurada por alunos das universidades, sempre respondo e procuro ajudá-los.

Entrevistadores: Você diria que existem desafios a serem enfrentados por autoras/poetas que produzem nesse universo poético predominantemente masculino? De que ordem são esses desafios?

Maria Ilza Bezerra: Penso que sim, as Universidades trabalham a questão do gênero, o social e outros temas relevantes dentro do contexto feminino. Hoje, escrevo o cordel para estudos acadêmicos. Com ênfase nas personagens femininas, dou voz ao texto. No Piauí, há poucas mulheres cordelistas. Sou uma sobrevivente dessa literatura. Escrever cordel já é um desafio,

acho muito difícil essa maneira de tecer as palavras, envolvendo rimas, estrofes, sílabas poéticas e orações, tudo na mais perfeita harmonia. Acho que o maior desafio é conquistar um bom leitor de cordel.

Entrevistadores: Ao longo de sua trajetória como cordelista, que desafios, obstáculos, surpresas você enfrentou? Com o passar dos anos, notou alguma mudança no que se refere ao contexto de desafios e obstáculos?

Maria Ilza Bezerra: Sabemos que grande parte dos cordéis ainda são publicados em folhetos. Em tempos de mídias digitais, acho que o cordel tem se reinventado para garantir seu espaço. Eu sou bombardeada o tempo todo, que os meus cordéis não são vendidos por conta do meu formato, escrevo ficção. O cordel que hoje é mais vendido nas feiras culturais é aquele considerado pedagógico. Aquele que descreve o meio ambiente, DSTs, AIDS, como também, o formato dos clássicos adaptados. Eu não pretendo mais fazer adaptação.

Acho que as mídias digitais não atrapalham, favorecem ao cordel, vemos que Bráulio Bessa ganhou espaço com elas. Portanto, a literatura de cordel está firme e consistente nas Feiras Culturais em todo o Nordeste. Aqui no Piauí, temos a Academia de Cordel e a Cordelaria, vários autores cordelistas, pesquisadores se reúnem em defesa de uma causa. Temos Raimundo Clementino Neto, Editor da Gráfica Rima em Teresina, que é um grande defensor da literatura de cordel.

É perceptível que as Universidades estão pesquisando os mais diversos temas da literatura de cordel. Isso é de grande relevância para nós autores. Quando o projeto é de cordel, nós não medimos esforço para dar a nossa contribuição.

Entrevistadores: Que aspectos você destacaria na produção de cordéis de autoria feminina no Brasil? Por quê?

Maria Ilza Bezerra: Acho que já respondi. É desafiador ser uma mulher-cordelista no Brasil, e na cidade Picos-PI mais ainda. As Universidades trabalham a questão do gênero, o social e outros temas relevantes dentro do contexto feminino. Hoje, escrevo o cordel para estudos acadêmicos. O cordel *Maria das Tiras*, uma personagem que tem a sua cidadania ferida já se

tornou conhecida no meio acadêmico. Como também a personagem *Juanita das sete eiras*, uma mulher que conquistou as ‘eiras’ do conhecimento, já conquistou o seu espaço por esse mundo de meu Deus. Como mulher-cordelista defendo a temática conforme a minha realidade. Dizem que somos egoístas, cada uma vive por si. Eu me sinto sozinha aqui em Picos. Vejo também que algumas delas não gostam de folhetos, fazem questão de exibir os livros. Eu sou uma defensora dos folhetos de cordel.

Entrevistadores: Também faz parte do conteúdo biográfico citado ao final dos seus folhetos a referência à sua descoberta, enquanto leitora, dos clássicos da literatura universal. Nesse sentido, o que representa para você enquanto escritora/poeta e para a sua obra esse entrelaçamento entre o erudito e o popular, o popular e o erudito, tão comum em obras pertencentes ao universo da literatura dita “clássica” e da literatura de cordel?

Maria Ilza Bezerra: Acho que já comentei na primeira pergunta, na condição de autora, eu preciso ler bastante os autores clássicos para que eu possa ter inspiração, porque as minhas personagens têm um conhecimento letrado e cultural, é como se eu entrasse na vida delas, e elas entrassem na minha vida, acho que somos uma só. A minha voz está inserida na voz de cada personagem, o grito delas representam o meu grito.

Entrevistadores: Nesse sentido, gostaríamos de destacar o seu folheto *Romeu e Julieta*. Por que esse clássico para ser recontado através dos versos de cordel? Por que a versão Shakespeariana?

Maria Ilza Bezerra: Acho que já respondi na primeira pergunta, como estudei Literatura Inglesa, tornei-me professora de Inglês, do ensino fundamental ao médio, então, nas minhas aulas de Inglês eu lia *Romeu e Julieta* para os meus alunos. De tanto ler os textos, veio a ideia da adaptação para o cordel. Tudo aconteceu com o Projeto de uma escola na cidade de Maceió. A primeira edição foi em 2001 e chegou à terceira edição, em 2012, pela Luzeiro. A primeira edição fiz em versos quebrados, depois o folheto passou por uma revisão para ser metrificado. Ele andou um bom tempo por esse Brasil afora. Hoje essa edição da Luzeiro está esgotada. Por isso, em 2021, resolvi reeditá-lo aqui no Piauí, pela Gráfica Rima, com a ilustração da capa de Valdério

Costa. O texto passou por uma revisão feita por mim, numa tentativa de resgatar a minha identidade nesta história de cordel. Considerando que já evoluí bastante ao longo dos anos. Mas em cada verso é perceptível a minha imaturidade. A tessitura deste cordel dá um bom estudo. Portanto, *A Saga Shakespeariana de Romeu e Julieta* está de cara nova.

Entrevistadores: O poeta João Martins de Athayde escreveu, em meados do século passado, o *Romance de Romeu e Julieta*, inspirado na versão da novela de Bandello sobre essa história de amor. Esse enredo que chega ao sertão nordestino e ao universo de leitura dos sertanejos a partir dos versos dos cordelistas também vai ao teatro “eruditó” sob a pena de Suassuna. Como você vê essa atividade de “reconto” dessa história de amor, quer seja a partir da versão de Shakespeare ou da de Bandello, mas que chega ao leitor através do cordel ou do teatro que adapta o cordel?

Maria Ilza Bezerra: Nunca li essas adaptações de Romeu e Julieta. Acho que cada adaptação tem o seu valor artístico, porque cada autor tecê ao seu modo. A forma de tecer o texto envolve o nosso conhecimento de mundo e o sentimento de cada autor. A maneira como eu falo sobre o amor é diferente de Martins de Atayde e de Ariano Suassuna, diferente até mesmo de Shakespeare e Bandello.

Entrevistadores: Mais recentemente, os poetas Sebastião Marinho e Stélio Torquato Lima também recontaram a história de Romeu e Julieta em cordel. Dessa vez, o cordel é apresentado ao leitor em um novo suporte: o livro. Como você vê esse cordel que se renova na contemporaneidade em suportes bem diferentes dos folhetos tradicionais?

Maria Ilza Bezerra: São excelentes, mas nunca li essas adaptações. O cordel em livro é o formato que vende mais nas escolas particulares. Por sua vez, as escolas particulares não adotam a história de cordel em folhetos. Conheço autores cordelistas que são vaidosos, que não gostam e nem apreciam o cordel no formato de folheto. O importante é incentivar os alunos a ler.

Entrevistadores: Além do folheto *Romeu e Julieta* que outro(s) folheto(s) você destacaria em sua produção enquanto cordelista? Por quê?

Maria Ilza Bezerra: A minha produção é pequena, levo anos para escrever um cordel. Tenho apenas 17 narrativas em cordel: *Romeu e Julieta* (adaptação), agora: *A Saga Shakespeariana de Romeu e Julieta*; *Nas Garras do Gavião*; *Maria das Tiras*; *A Saga de Antônio dos Andores*; *Dona Guidé (Um Coração de Colibri)*; *Irmã Helena (O Rastro de uma Cordimariana)*; *Juanita das Sete Eiras*; *Dona Marluce (a sabedoria vestida no robe da simplicidade)*; *Anjos Ignorados no Vale do Guaribas*; *Os Fantasmas secretos de Maria dos Anjos*; *Nísia Floresta (Entre lutas e controvérsias)*; *Felícia (A Princesa dos 7 Reinos)*; *Angelita (e sua cacimba de beber)*; *Bárbara de Alencar (Além das Travessias do Sertão)*; *Niéde Guidon (Arqueóloga por excelência)*; *Beata Savina e seu maior milagre*; e *Ester que não foi Rainha*.

Há 20 anos, publiquei o meu primeiro cordel. Tenho meia dúzia de cordel para finalizar e publicar. Vou fazendo devagarinho e me divertindo com cada personagem. O cordel me leva a lugares pequenos, carentes, mas bons de se viver.

O cordel Maria das Tiras foi inspirado numa mulher abandonada nas ruas de Teresina, fui tecendo numa sequência de movimentos. Maria das Tiras está por todos os lugares. O folheto está na quarta edição, foi reestruturado e saiu com uma nova cara. Sou uma mulher migrante, nasci no interior do Piauí, morei no Ceará, estudei no Pernambuco, estudei no Piauí, morei em Alagoas. Morei em várias cidades. Sempre me mudando. As minhas personagens também migram. O discurso da Maria das Tiras é o meu discurso. Já mostrei em várias performances, passei mal todas as vezes. Hoje estou passando uma temporada em Picos-PI. Quando me perguntam o que estou fazendo aqui, eu respondo: “Desfaço-me e teço-me com as linhas do cordel, com a textura de um pão doce e com a melodia do canto do Tetéu.” Se a felicidade é encontrada nas pequenas coisas, sou uma mulher feliz.

Acho que já falei, gosto de contar histórias de amor, dou ênfase à mulher no contexto social e valorizo a sua voz, gosto mesmo é de brincar com os versos. Às vezes, faço algumas denúncias de violência contra a mulher, *Nas Garras do Gavião* é a prova. No cordel *Anjos ignorados no Vale do Guaribas*, eu denuncio os maus-tratos dos animais de rua. Também gosto do humor nas entrelinhas.

Entrevistadores: Ao falarmos sobre leitura e formação de leitores, sabemos dos muitos desafios enfrentados por educadores na difícil tarefa de mediar o texto literário em sala de aula.

Enquanto educadora, você acredita que o trabalho, em sala de aula, com a literatura de cordel, pode contribuir para o ensino de literatura e a formação de leitores em nossas escolas? Qual é, no seu entender, a contribuição que a literatura de cordel poderia oferecer ao ensino de literatura em nossas escolas?

Maria Ilza Bezerra: Eu sou uma sonhadora, acredito no fascínio que o cordel ainda tem em meio desse bombardeio de informações em redes sociais. O que dificulta é que o professor, muitas vezes desconhece a leitura em si, o professor não gosta de ler. Em se tratando de cordel é mais complexa a situação. O bom seria elaborar um Projeto Professor Leitor.

Nas feiras sou abordada pelos adolescentes para falar das minhas personagens, eles gostam e se divertem. Mas nas escolas não há essa convivência. Uma minoria abre as portas para falar de cordel. Há 4 anos estou aqui em Picos, em 2 momentos falei para professores sobre a importância do cordel para a vida.

No início da minha carreira, eu ministrava tudo de graça, mas hoje cobro um cachê. A cobrança de um valor X é outra dificuldade.

Entrevistadores: Em sua opinião, que aspectos da literatura de cordel podem ser evidenciados pelos mediadores nas práticas de sala de aula de forma que seja possibilitado ao leitor uma identificação com o texto poético enquanto parte de um universo de encanto, de ludicidade, mas também de autoconhecimento e de criticidade?

Maria Ilza Bezerra: Acho que é muito importante levar os cordelistas para a sala de aula, para que alunos e professores possam conhecer a história de cada um. Hoje temos um grupo excelente como: Marco Haurélio, Klévisson Viana, Rouxinol de Rinaré, Evaristo Geraldo, Stélio Torquato, Paulo de Tarso, Raimundo Clementino, Josefina Ferreira e EU. Cito estes nomes porque para nós não há distância quando o assunto é Cordel.

Entrevistadores: Como observa o público leitor e a recepção da literatura de cordel, hoje?

Maria Ilza Bezerra: Eu observo que muitos se espantam porque não conhecem. Quando eu começo a narrar sobre as minhas personagens, vejo que adolescentes mudam de semblante,

professores se aproximam querendo saber mais. Ambos querem se aprofundar nesse universo de leitura, mas encontram alguns entraves por parte das instituições gestoras.

Entrevistadores: Além do clássico *Romeu e Julieta*, que outra(s) obra(s) você gostaria de apresentar aos leitores “traduzida” em versos de cordel? Por quê?

Maria Ilza Bezerra: Eu gosto mesmo é de criar as minhas personagens com base em memórias, visitando os lugares em que elas viviam ou vivem.

Mas já estou com o roteiro feito para adaptar *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, porque a personagem lembra muito o meu avô. O meu avô era um contador de histórias e tinha uma mala de couro cheia de folhetos de cordel, trancada no cadeado. O meu maior desafio foi roubar a chave e ler todos os cordéis.

SÍNTESE CONCLUSIVA:

Os folhetos nordestinos, costumeiramente denominados como Literatura de Cordel, têm sido produzidos desde o século XIX no interior do Nordeste brasileiro, formando leitores e construindo identidades. No entanto, a presença de mulheres autoras nessa literatura, em geral, foi tardia ou esquecida, por razões diversas. No passado, o aparecimento de mulheres escritoras sofreu um impedimento, cuja hipótese mais provável está vinculada à questão de gênero. Sobre isso, Lemaire-Mertens (2024), em seu artigo *Ancestralidades*, afirma que a Casa de Rui Barbosa não possui nos seus catálogos e antologias nenhuma mulher cordelista, embora algumas pesquisas mais recentes defendam a existência de poetisas mulheres, desde o séc. XIX.

Nas últimas décadas, contudo, há uma eflorescência cada vez maior de escritoras do sexo feminino produzindo cordéis, de modo que várias delas, como Maria Ilza Bezerra, têm conquistado espaço e ocupado cadeiras na própria Academia Brasileira de Literatura de Cordel, uma instituição que, por muito tempo, foi hegemonicamente masculina, mas, em 2021, teve, pela primeira vez, uma mulher como presidente, a médica e professora Paola Torres. Nesse sentido, Bezerra enfileira o número dessas mulheres que têm produzido e divulgado o cordel no Brasil.

Sendo assim, essa entrevista apresenta, no ambiente acadêmico, uma importante autora de literatura de cordel, a qual faz coro às vozes femininas que passam a reivindicar também seu

espaço na produção de folhetos nordestinos. Em suas respostas, Maria Ilza Bezerra trata do desafio de ser mulher e cordelista no Brasil, e até mesmo em sua própria cidade. Por outro lado, nos últimos anos, a escritora tem, cada vez mais, obtido reconhecimento, tal como ocorreu na 3^a FELIPI (Feira da Literatura Piauiense), edição de setembro de 2024, que a homenageou, ao lado do dramaturgo Aci Campelo.

Conforme percebemos, a obra de Maria Ilza Bezerra põe em evidência a figura das mulheres, especialmente daquelas que vivem no Nordeste; porém, ao destacá-las, a cordelista realiza uma crítica social acerca das condições a que estas personagens são expostas na sociedade, além de apontar a relevância dos seus papéis sociais, no espaço familiar, religioso, político, profissional ou educacional. Assim, nos seus folhetos, a autora mescla o seu grito com o de seus personagens, denunciando injustiças sociais e políticas, bem como defendendo temáticas femininas. Nesse sentido, a produção crescente dessa escritora se configura como um rico e recente artefato literário que precisa ser objeto de pesquisas acadêmicas no campo da literatura popular de autoria feminina. Esperamos que essa entrevista contribua para que pesquisadores busquem estudar a produção literária dessa escritora piauiense.

Referências

ALVES, W. F.; DE ARAÚJO WANDERLEY, N. Folhetos nordestinos vestidos de saia: a escrita da cordelista piauiense Ilza Bezerra. *Jangada: crítica, literatura, artes*, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 6–31, 2023. DOI: 10.35921/jangada.v1i20.442. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/442>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BEZERRA, Ilza Maria. *Maria das Tiras*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2019.

BEZERRA, Ilza Maria. *Nas Garras do Gavião*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2019.

BEZERRA, Ilza Maria. *Dona Marluce: a sabedoria vestida com o robe da simplicidade*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2020.

BEZERRA, Ilza Maria. *Dona Guidé: um coração de colibri*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2021a.

BEZERRA, Ilza Maria. *Juanita das Sete Eiras*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2021b.

BEZERRA, Ilza Maria. *Os fantasmas secretos de Maria dos Anjos*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2021c.

BEZERRA, Ilza Maria. *Nísia Floresta: Entre lutas e controvérsias*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2022.

BEZERRA, Ilza Maria. *Felícia: A princesa dos 7 Reinos*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2023a.

BEZERRA, Ilza Maria. *Angelita e sua cacimba de beber*. Teresina: Gráfica Editora Rima, 2023b.

LEMAIRE-MERTENS, Ria. Ancestralidades. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 240-259.
ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.240259>

ZOLIN, Lúcia Osana. Leitura de Autoria feminina. In: Bonnici, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osama. *Teoria Literária: abordagens histórias e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: EDUEM, 2009.